ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E RELAÇÕES DE GÊNERO: PRÁTICAS PSICOEDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Emanuella Brito e Silva Benevides[1]
Mayara Oliveira de Almeida Batista[2]
Nadielly Teixeira Lima[3]
Séfora Lima de Figueiredo[4]

INTRODUÇÃO

Historicamente, o sustento do lar foi atribuído quase exclusivamente ao homem, socialmente reconhecido como provedor da família. Assumir esse papel pode impactar diretamente sua saúde mental, gerando consequências como pressão constante, marcada pela expectativa de nunca falhar ou perder o emprego; negação da vulnerabilidade, quando o homem provedor apresenta dificuldades em pedir ajuda ou expressar fragilidade; e identidade limitada, situação em que passa a ser visto apenas como responsável pelo sustento, reduzindo sua participação em outras dimensões da vida familiar (RAFAELA et al., 2024)

Essa configuração, no entanto, vem sendo modificada por importantes transformações sociais. A crescente participação das mulheres como provedoras está ligada, principalmente, a três mudanças históricas. A primeira foi a entrada definitiva da mulher no mercado de trabalho. Se antes seu lugar era restrito ao lar, a partir da década de 1970 isso muda de forma mais consistente no Brasil, como aponta Bruschini (2007), quando a necessidade econômica e a expansão do próprio mercado passaram a exigir essa mão de obra.

A segunda mudança foi o acesso à educação, aos métodos contraceptivos e aos direitos civis. Com a possibilidade de estudar, planejar quantos filhos ter e com a garantia da igualdade prevista na Constituição de 1988, a mulher deixou de ter o casamento como único projeto de vida, como discute Saffioti (2013).

Por fim, a própria realidade econômica das famílias tornou a renda feminina indispensável. Hoje, segundo dados do IBGE (2023), quase metade dos lares brasileiros são chefiados por mulheres, o que mostra que o modelo de homem único provedor já não

[1] Graduanda do Curso de Psicologia da Unifacisa - PB, ebfinancascasal@gmail.com
[2] Graduanda do Curso de Psicologia da Unifacisa - PB - mayara.olivei94@gmail.com
[3] Graduanda do Curso de Psicologia da Unifacisa - PB - nadiellylima1@gmail.com
[4] Professora Orientadora. Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Mestre em Psicologia da Saúde pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Graduada e Licenciada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Docente do Curso de Bacharelado em Psicologia da Unifacisa. Endereço eletrônico: sefora.figueiredo@maisunifacisa.com.br

ISSN: 2358-8829

corresponde à realidade da maioria das famílias. Diante disso, com a finalidade de analisar se a expectativa do homem ser o único provedor corresponde a uma norma social imposta ou se integra de fato à dinâmica familiar atual, a presente pesquisa foi desenvolvida tendo a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como espaço de discussão.

A justificativa consiste na necessidade de ampliar esse debate na EJA, promovendo práticas psicoeducativas que ajudem na formação de sujeitos mais conscientes e capazes de questionar os papéis estereotipados historicamente atribuídos .Metodologicamente, a investigação teve início com uma intervenção psicoeducativa voltada para a coleta de dados, realizada em maio de 2026, em uma escola pública municipal de Campina Grande/PB, no âmbito da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A ação envolveu turmas do ensino fundamental e médio e foi conduzida por meio de práticas grupais, com dinâmicas de quebra-gelo, atividades de expressão, momentos de sensibilização e etapas de finalização que se mostraram essenciais para evidenciar padrões intergeracionais e compreender as experiências vivenciadas pelos participantes.

Os resultados evidenciaram a relevância da educação financeira como recurso essencial para a construção do pensamento crítico e para a transformação dos papéis de gênero. Observou-se que as práticas psicoeducativas não se limitaram ao debate sobre finanças pessoais, mas também possibilitaram reflexões acerca dos papéis sociais historicamente constituídos, favorecendo a desconstrução de estereótipos e a promoção da autonomia dos participantes.

Em síntese, conclui-se que a articulação entre educação financeira e relações de gênero na EJA possibilitou observar, de forma prática, como essas dimensões se correlacionam e contribuem para a formação de sujeitos mais conscientes e autônomos. Tal experiência reforça o papel da instituição escolar como espaço de transformação social. O trabalho desenvolvido evidencia, ainda, a necessidade de ampliar o debate e a reflexão sobre o tema, de modo a favorecer a desconstrução desses papéis construtivistas. E na psicoeducação, a Psicologia encontra uma ferramenta para intervir em contextos sociais, comunitários e escolares. A intervenção buscou fomentar uma reflexão crítica nos estudantes sobre o prover e decisões financeiras nos lares brasileiros para um equilíbrio nas relações familiares.

METODOLOGIA

ISSN: 2358-8829

O estudo se caracteriza como um relato de experiência de práticas extensionistas curriculares de alunas universitárias do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário - Unifacisa, no campo de conhecimento da Psicologia e Família.

Teve como propósito psicoeducar alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola do município de Campina Grande – PB acerca da educação financeira inter-relacionada ao gênero, foi conduzida por meio de prática grupal com quebra gelo, atividades de expressão e momento de finalização. Foram contemplados 50 alunos, de ambos os sexos e faixa etária entre 25 e 70 anos de idade, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Lafayette Cavalcante, situada na cidade de Campina Grande – PB. A ação aconteceu no dia 18 de maio de 2026 em uma aula de 50 minutos.

A intervenção foi estruturada metodologicamente em três momentos: quebra gelo, momento de expressão e finalização.

Momento de acolhida e quebra gelo: Foi iniciado com um quebra gelo com os alunos organizados de forma circular na biblioteca, cada um de forma opcional foi convidado a falar uma única palavra que representava o sentido do dinheiro na vida deles.

Foi relatado por alguns alunos nesse momento também palavras ligadas ao cultivo como “plantar”, “alimentos”, “comida”, onde ao longo da ação entendemos que algumas pessoas moraram por muitos anos em sítio e possui essa conexão do dinheiro ao sustento da terra.

Momento de expressão e roda de conversa: No momento de expressão passamos pelo grupo que estava sentado de forma circular uma pequena caixa com tiras de papel com frases reflexivas incompletas, de forma livre e opcional cada um retirava uma tira da caixa em que lia em voz alta e completava a frase (de forma opcional) com alguma experiencia pessoal sobre a frase. As frases disparadoras incluíram vivências infantis, o papel dos cuidadores, temores financeiros futuros, resoluções de conflitos conjugais por gastos extras e divisão na tomada de decisão sobre as compras do lar. Algumas das frases utilizadas foram:

“Na minha casa, quando eu era criança, falar de dinheiro era…”

“A frase sobre dinheiro que eu mais ouvia dos meus pais ou cuidadores era…”

“Para mim ter dinheiro guardado significa…”

“Se a minha família ganhasse um dinheiro extra antigamente, a primeira reação era…”

“O meu maior medo quando penso no futuro financeiro da minha família é…”

“Se eu gastar dinheiro com algo desnecessário, a minha reação com meu parceiro ou família é…”

ISSN: 2358-8829

"Olhando para trás, a maior preocupação que os meus pais tinham em relação ao dinheiro era…"

"Na minha infância, ver os meus pais discutir por dinheiro fazia-me sentir…"

"Na minha casa, quando alguém quer comprar algo que não estava nos planos…"

"Se eu pudesse mandar uma coisa na forma como as compras são decididas na minha casa, seria…"

"O momento do mês em que a organização financeira lá em casa fica mais difícil é…"

Por fim, o momento de finalização e fechamento representou o espaço informativo sobre a temática do estudo, para tanto, foram apresentados alguns dados científicos nacionais correlacionados aos eixos temáticos debatidos, a partir do uso de uma cartilha psicoeducativa. Ela contemplou estatísticas do IBGE sobre o trabalho invisível feminino e dupla jornada e os papeis das mulheres e dos homens.

REFERENCIAL TEÓRICO

A crença de que o homem detém a responsabilidade inata e exclusiva pelo sustento socioeconômico da família não é natural ou biológica, mas fruto de um processo histórico e cultural. Essa representação de masculinidade é transmitida e normalizada por aparelhos sociais como a família, a escola, as instituições religiosas, o ordenamento jurídico e os meios de comunicação (FREITAS et al., 2009).

A associação entre masculinidade e provimento financeiro é socialmente construída. Conforme Freitas et al. (2009), o homem aprende desde cedo que seu valor e reconhecimento social dependem da sua capacidade de gerar renda. Nesse modelo tradicional, o papel de provedor se sobrepõe a outras dimensões da vida, como o cuidado e a presença afetiva. Por isso, deixar de prover ou depender financeiramente de outra pessoa é vivido por muitos homens como perda de identidade e de valor, o que ajuda a explicar a dificuldade em pedir ajuda ou demonstrar vulnerabilidade.

Essa estrutura tradicional vem sendo transformada pela maior inserção das mulheres no mercado de trabalho e no sustento dos lares. Essa mudança está relacionada ao maior acesso à escolarização, ao planejamento familiar e aos direitos garantidos pela Constituição de 1988, além da necessidade econômica que tornou a renda feminina indispensável. Segundo dados do IBGE (2024), as mulheres já são responsáveis por 49,1% dos lares no Brasil, o que desestrutura a crença do homem como único provedor. Essa conquista, no entanto, não eliminou a desigualdade na divisão do trabalho doméstico e de cuidado. Mesmo quando são

provedoras, as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pela casa e pelos filhos, configurando a dupla jornada. Isso demonstra que a divisão financeira mudou mais rápido do que a divisão do cuidado dentro das famílias (RANGEL et al., 2021).

A relação que cada pessoa estabelece com o dinheiro não é inata, mas aprendida ao longo da vida, principalmente no ambiente familiar. De acordo com Savoia, Saito e Santana (2007), a família é o primeiro agente de socialização econômica, responsável por transmitir valores, hábitos e comportamentos financeiros. Dessa forma, a forma como uma pessoa lida com gastos, dívidas e planejamento está diretamente ligada às condições socioeconômicas em que cresceu e às experiências que vivenciou. Em famílias com baixa renda, é comum que a educação financeira seja baseada na necessidade imediata de sobrevivência, e não no planejamento de longo prazo. Por isso, discutir educação financeira no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) significa compreender que aprender a lidar com o dinheiro também é um processo social, que precisa considerar a história de vida e as condições materiais dos sujeitos.

A manutenção da representação masculina como provedor principal produz impactos significativos na saúde psicológica. Nos homens, a exigência de estabilidade financeira ininterrupta gera autocobrança, medo de falhar e quadros de ansiedade e estresse, o que se reflete em toda a dinâmica familiar (RAFAELA et al., 2024). Entre as mulheres, a sobreposição das responsabilidades profissionais e familiares, caracterizada como dupla jornada, está associada à sobrecarga física e psicológica e ao aumento do risco de esgotamento e sofrimento mental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro momento da intervenção, destinado à atividade de quebra-gelo, os participantes foram convidados a associar livremente palavras ao termo “dinheiro”. As respostas evidenciaram uma compreensão predominantemente vinculada à necessidade, ao trabalho e à manutenção da vida cotidiana. Expressões como “essencial”, “tudo” e “trabalho” indicaram que, para esses estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o dinheiro é percebido menos como um bem supérfluo e mais como um recurso fundamental para a subsistência individual e familiar. Nesse sentido, as associações produzidas pelos participantes apontam para uma compreensão do dinheiro enquanto mediador do acesso a recursos básicos e da manutenção das condições materiais de existência.

ISSN: 2358-8829

No segundo momento da intervenção, destinado à complementação de frases relacionadas às experiências e aprendizagens sobre o dinheiro, emergiram relatos que evidenciaram a presença de padrões familiares intergeracionais na maneira de compreender, administrar e utilizar os recursos financeiros. Alguns participantes relataram reproduzir, em suas próprias famílias, práticas de administração financeira semelhantes às vivenciadas durante a infância, aprendidas principalmente com os pais. Esses relatos também indicaram que tais práticas são, em alguns casos, transmitidas aos filhos, revelando a dimensão social e familiar da aprendizagem financeira. Dessa forma, a relação com o dinheiro não se apresenta apenas como uma habilidade individual, mas como uma construção atravessada por experiências familiares, condições socioeconômicas e aprendizagens desenvolvidas ao longo da trajetória de vida.

Durante esse momento, ocorreram manifestações espontâneas relacionadas à infância e às experiências vivenciadas em contextos rurais. Participantes que cresceram em regiões rurais compartilharam experiências de organização econômica familiar baseadas na produção agrícola e em práticas de troca de alimentos entre propriedades, reduzindo a necessidade de utilização de dinheiro para suprir determinadas necessidades. Os relatos demonstraram diferentes formas históricas de organização da vida material e familiar, nas quais a produção para o próprio consumo, a reciprocidade e a cooperação entre famílias constituíam importantes estratégias de subsistência. Essas experiências ampliaram a discussão ao evidenciar que as concepções sobre dinheiro e administração dos recursos também são construídas a partir do contexto sociocultural no qual os sujeitos estão inseridos.

Outro aspecto significativo identificado durante a intervenção esteve relacionado às diferenças de gênero na organização financeira e doméstica das famílias. Entre as mulheres participantes, foram frequentes os relatos de responsabilidade direta ou compartilhada pela manutenção financeira do lar. Algumas relataram ter se tornado as principais provedoras da família em decorrência da impossibilidade de seus companheiros continuarem trabalhando por questões relacionadas à capacidade laboral. Em determinados casos, essa mudança ocorreu após muitos anos de dedicação ao trabalho doméstico e ao cuidado da família, o que trouxe dificuldades para a inserção ou reinserção dessas mulheres no mercado de trabalho formal.

As manifestações femininas foram mais expressivas ao tratar da divisão das tarefas domésticas. Mesmo trabalhando fora e contribuindo financeiramente, as participantes relataram que a distribuição permanece desigual, configurando dupla jornada entre trabalho remunerado e cuidado familiar, associada a cansaço e exaustão. Essa sobrecarga,

ISSN: 2358-8829

caracterizada como conflito trabalho-família, está associada ao aumento do risco de esgotamento, conforme discutem García-Rodríguez et al. (2026) e Liu et al. (2026). Em contrapartida, as manifestações masculinas concentraram-se na preocupação com o sustento e a estabilidade da família. Alguns relataram que garantir as condições materiais esteve presente como preocupação constante ao longo da vida. Esses relatos evidenciam como, nesse modelo, o reconhecimento social do homem permanece vinculado à capacidade de prover, como aponta Freitas et al. (2009).

Em conjunto, os relatos produzidos durante a intervenção revelaram que as concepções sobre dinheiro ultrapassam a dimensão estritamente econômica. As experiências compartilhadas pelos participantes evidenciaram que a relação com os recursos financeiros é atravessada por aspectos familiares, históricos, culturais e de gênero. A atividade possibilitou, portanto, que os estudantes reconhecessem diferentes formas de aprendizagem e organização financeira presentes em suas próprias trajetórias, favorecendo a reflexão sobre comportamentos reproduzidos entre gerações e sobre a distribuição das responsabilidades econômicas e domésticas no âmbito familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida possibilitou compreender que as concepções relacionadas ao sustento familiar ultrapassam a dimensão estritamente financeira, estando articuladas a construções históricas, culturais e de gênero. A intervenção realizada com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) evidenciou que a ideia do homem como principal ou único provedor não se constitui como uma determinação natural ou biológica, mas como uma construção social que pode ser reproduzida e ressignificada no contexto das relações familiares.

Os relatos compartilhados durante a intervenção também evidenciaram a presença de padrões transgeracionais relacionados à maneira como o dinheiro é compreendido, administrado e discutido no ambiente familiar. Entre as mulheres participantes, destacaram-se experiências relacionadas à participação ou à centralidade no provimento financeiro do lar, acompanhadas, em alguns relatos, pela permanência de uma divisão desigual das tarefas domésticas e pela consequente percepção de sobrecarga física e mental. Entre os homens, emergiram preocupações relacionadas à responsabilidade pela estabilidade financeira da família e à necessidade de corresponder à expectativa social de provedor. Esses achados

demonstram que a transformação dos papéis econômicos no interior das famílias não implica, necessariamente, uma reorganização equivalente das demais responsabilidades familiares.

Nesse sentido, a prática psicoeducativa mostrou-se relevante como estratégia de intervenção no contexto escolar, ao possibilitar um espaço de escuta, expressão e reflexão sobre experiências cotidianas relacionadas ao dinheiro, à família e aos papéis de gênero. A atividade favoreceu a identificação de crenças e padrões aprendidos ao longo das gerações, contribuindo para ampliar a reflexão dos participantes sobre a possibilidade de uma divisão mais democrática das responsabilidades financeiras e familiares. Dessa forma, a articulação entre educação financeira, relações de gênero e Psicologia apresenta potencial para fortalecer processos de autonomia, pensamento crítico e construção de relações familiares mais equilibradas.

Por se tratar de uma experiência realizada em uma única instituição, com um grupo específico de estudantes e a partir de relatos produzidos durante uma intervenção pontual, os achados não devem ser generalizados para a população da EJA. Entretanto, a experiência evidencia a relevância de ampliar espaços psicoeducativos que abordem conjuntamente educação financeira, relações de gênero e dinâmica familiar. Sugere-se, portanto, a realização de novas intervenções e estudos que aprofundem essas discussões em diferentes contextos educacionais, contribuindo para a compreensão dos impactos dos papéis historicamente atribuídos a homens e mulheres e para a construção de práticas educativas voltadas à autonomia e à equidade nas relações familiares.

Palavras-chave: EJA, Educação financeira, Psicoeducação, Padrões familiares, Relação de gênero.

REFERÊNCIAS

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537-572, set./dez. 2007.

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino e et al. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, n. 1, p. 85-90, 2009.

GARCÍA-RODRÍGUEZ, I. et al. Work-Family Conflict and its Impact on Working Women's Health: A Systematic Review. **Atención Primaria**, v. 58, n. 2, 103391, 2026.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua: Características dos domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

LIU, D. et al. Work-family conflict and mental health: A systematic review and meta-analysis. **PLOS Medicine**, v. 23, n. 7, e1005162, 2026.

RAFAELA, A. et al. Masculinidade e sofrimento psíquico: o homem provedor. **Revista de Psicologia**, 2024.

RANGEL, R. et al. Os papéis da mulher e do homem nas famílias pela óptica masculina: um estudo de duas gerações. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 16, n. 4, p. 1-18, 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, nov./dez. 2007.